



Furlan: alta de juros nos Estados Unidos não atrapalha vendas do Brasil, que serão impulsionadas pelo crescimento do PIB

Exportador¹⁶³ deve almejar produtividade

Do Rio

O crescimento das exportações brasileiras não deve depender unicamente de uma taxa de câmbio favorável e sim das reduções de custos aliadas a ganhos de produtividade. O argumento foi defendido ontem pelo presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Benedicto Fonseca Moreira, em sua apresentação no XVI Fórum Nacional. "Num país como o Brasil, com a economia aberta, o câmbio por si só não sustenta as exportações", disse o economista, que abordou as bases e fundamentos para a eliminação de barreiras internas à exportação.

Moreira lembrou que, apesar de beneficiar os exportadores, a alta na cotação do dólar prejudica a economia por causar instabilidade. O presidente da AEB lembrou que o setor financeiro privado nacional respon-

de por cerca de 90% dos financiamentos à exportação. O problema é que a maior parte desses recursos é obtida no exterior e, conseqüentemente, está sujeita à vulnerabilidade externa do país. "Por isso, qualquer crise internacional atinge as exportações", acrescentou. A carga tributária é outro fator que cria barreiras às vendas externas, destacou Moreira, lembrando que 18 ministros podem interferir na legislação relacionada ao comércio exterior.

Em relação à carga tributária, o economista citou um levantamento da AEB que aponta a existência de 114 ônus (entre taxas, impostos, contribuições e emolumentos) cobrados no país, dos quais 79 incidem sobre o comércio exterior. Moreira lembrou que as deficiências da infra-estrutura portuária são grande obstáculo, já que a maioria esmagadora dos produtos nacionais embarca por via marítima.

Já no painel "Inovação, via inter-

nacionalização, faz bem para as exportações brasileiras", o presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Glauco Arbix, e os pesquisadores Mario Salerno e João De Negri mostraram que as empresas que se internacionalizaram com foco na inovação tecnológica remuneraram melhor a mão-de-obra e empregam pessoal com maior escolaridade. Também foi constatado que essas companhias gastam com treinamento de empregados em termos de porcentagem do faturamento.

Entre as teses apresentadas pelos economistas está a de que a abertura de mercados externos geraria maior potencial de expansão e crescimento da firma.

Além disso, a própria internacionalização geraria mecanismos de retroalimentação da sua capacitação tecnológica, defendem eles no "paper" distribuído durante o fórum. (RC)